

FLORES AZUIS: UMA DESCONSTRUÇÃO DO ROMANCE EPISTOLAR

FLORES AZUIS: A DECONSTRUCTION OF THE EPISTOLARY NOVEL

Josye Gonçalves Ferreira

RESUMO

Pertencendo ao rol das escritas de si, a carta é um meio de comunicação específico que visa levar uma mensagem de um remetente para alguém real ou fictício. Sua existência está atrelada à ausência do destinatário e sua função é aproximar os interlocutores. Entretanto, a natureza do discurso epistolar é ambivalente porque articula duas dimensões: a presença (ilusão de aproximação) e a ausência (realidade da separação). Nesse jogo de presença-ausência, a correspondência abre um espaço de diálogo fictício entre o remetente e o destinatário, entre o autor e o leitor. Tradicionalmente, o romance epistolar está estruturado exclusivamente na forma de cartas. Sendo assim, este trabalho discute de que modo a escritora Carola Saavedra utiliza as cartas como procedimento narrativo ao mesmo tempo em que desconstrói o gênero epistolar na obra *Flores Azuis*. A trama gira em torno da leitura das cartas que o protagonista Marcos recebe da personagem "A.". Mesclando o discurso epistolar com uma narração em terceira pessoa, Saavedra apresenta duas narrativas em perspectivas diferentes: a história contada nas cartas de "A." e a história de Marcos, que recebe e lê indevidamente as cartas destinadas a outra pessoa. A narrativa vai se construindo nesse espaço de diálogo fictício e unilateral, uma vez que o protagonista não pode responder às cartas porque não tem o endereço da remetente. Enquanto as duas histórias são contadas, uma terceira trama vai se tecendo diante dos olhos do leitor do romance que, com um olhar globalizante, constrói os possíveis sentidos do texto.

PALAVRAS-CHAVES: Carola Saavedra. Desconstrução. Romance epistolar.

ABSTRACT

Correspondence, belonging to the self-writing domain, is a specific means of communication which aim is to carry a message from a sender to a recipient either real or fictitious. The letter stems from the recipient's distance and its function is to bring the interlocutors close together. However, the nature of the epistolary discourse is ambivalent, as it articulates along two dimensions: the letter creates an illusion of approximation (presence) within the framework of the separation (absence) reality. In this presence-absence issue, correspondence sets a fictitious dialogue between the sender and the recipient, between the author and the reader. Traditionally, the epistolary novel is structured exclusively in the form of letters. This paper discusses how the writer Carola Saavedra uses the correspondence as a narrative procedure while deconstructing the epistolary genre in her work Flores Azuis. The plot revolves around the reading of the letters that the protagonist Marcos receives from the character "A.". By merging the epistolary discourse with a third person narration, Saavedra presents two narratives in different perspectives: the story told in the letters written by "A." and the story of Marcos, who receives and improperly reads the letters intended for another person. The narrative is built in this space of fictional and unilateral dialogue, since the protagonist can not respond to the letters because he does not have the sender's address. As the two stories are told, a third plot is weaving before the reader of the novel that, with a globalizing approach, is building the possible meanings of the text.

KEYWORDS: Carola Saavedra. Deconstruction. Epistolary romance.

INTRODUÇÃO

Como meio de comunicação, o surgimento da carta está atrelado à própria invenção da escrita. Com a passagem da oralidade ao registro escrito, desenvolveu-se também um modo de enviar mensagens a distância. Gravadas em tábuas de argila ou paredes de tumbas, escritas em papiro ou papel, as cartas sempre responderam a uma necessidade de comunicação com alguém que não está presente, de forma que a ausência do destinatário é a primeira condição de existência da correspondência. Assim, o discurso epistolar se funda sobre o distanciamento (geográfico ou não) entre os interlocutores.

Entretanto, a prática epistolar não se reduz a um gesto de comunicação apenas, mas pode experimentar a escrita também no seu sentido literário. De acordo com Bouvet (2006), desde a Antiguidade greco-romana as cartas são usadas como meio de comunicação social e como modo de criação literária. Porém, foi no século XVIII, na Europa, que o discurso epistolar entrou definitivamente para a literatura. Segundo a autora, nesse período, “são escritos na forma epistolar romances, textos filosóficos, artigos de jornais, cartas abertas, relatos de viagem, panfletos e correspondência privada que exploram a ambiguidade ficção-realidade [...]” (BOUVET, 2006, p.182, tradução nossa)¹. O século das luzes assistiu ao surgimento do romance epistolar, enquanto gênero literário, com as obras do inglês Samuel Richardson: *Pamela* (1740), *Clarissa Harlowe* (1748) e *Sir Charles Grandison* (1753). O sucesso das obras de Richardson propaga o gênero pela Europa e a consagração do romance epistolar ocorre na França, com a publicação de *La Nouvelle Héloïse* em 1761, de Jean-Jacques Rousseau, e *Les liaisons dangereuses* em 1782, de Chardelos de Laclos.

Como a narrativa está estruturada em forma de cartas, no romance epistolar são os personagens enunciadorees que desempenham o papel de narrador. Esse gênero tem a vantagem de poder apresentar um mesmo acontecimento sob diferentes interpretações, de forma que o uso de distintos pontos de vista e a fragmentação do texto conferem mais liberdade ao leitor, oferecendo outras possibilidades de leitura. Essas características convertem o romance epistolar em um gênero polifônico na medida em que, conforme postula Bouvet (2006), a verdade não está em poder de nenhum personagem, mas dispersa em fragmentos ao longo da narrativa. Assim, cada uma das vozes enunciadoras tem apenas um conhecimento parcial dos fatos, cabendo ao leitor a “montagem” do texto literário, como um quebra-cabeça.

Além de polifônico, o romance epistolar também é essencialmente dialógico, retomando os termos de Bakhtin, mesmo que haja um autor único para as cartas. Para David Lodge, “uma carta, ao contrário de um diário, é sempre escrita para um leitor específico; assim, a antecipação de uma resposta condiciona o discurso e torna-o mais complexo” (LODGE, 2017, p.33). Dessa maneira, a essência da correspondência é o diálogo

¹ No original: “[...] se escriben en forma epistolar novelas, textos filosóficos, artículos de periódicos, cartas abiertas, relaciones de viajes, panfletos, y correspondencia privada que explotan la ambigüedad ficción-realidad [...]”.

com o outro, pressupondo a existência de um remetente/autor e de um destinatário/leitor. Sendo o destinatário real ou fictício, o discurso epistolar é sempre orientado para um leitor imaginário, a quem o remetente se dirige e pretende persuadir. Parafraseando Bouvet (2006), o epistolar poderia ser definido como um tipo de relacionamento estabelecido entre os interlocutores em um espaço de diálogo fictício. Nesse sentido, a carta cria um tempo e um espaço ficcionais que substituem os reais, em que autor e leitor também são figuras ficcionalizadas.

Condicionado à ausência do destinatário, o discurso epistolar visa romper as barreiras do tempo e do espaço entre os interlocutores, isto é, o remetente pretende se fazer presente para quem está ausente. De acordo com a formulação de Michel Foucault, “a carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia” (FOUCAULT, 2004, p.156). Há, portanto, um jogo de presença-ausência na correspondência: a carta aproxima no espaço ficcional ao mesmo tempo em que marca o distanciamento real entre os interlocutores. Para Bouvet (2006), a carta articula essas duas dimensões ao gerar uma ilusão de aproximação (presença) enquanto escancara a realidade da separação (ausência).

Foucault também aponta uma dupla ação da correspondência. Segundo o filósofo francês, “a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2004, p.153). A carta, enquanto exercício de escrita pessoal, opera tanto em quem escreve quanto em quem lê; e é nesse sentido que o romance epistolar está fundado sobre duas instâncias literárias: o autor e o leitor.

Durante a escrita/leitura da carta, uma relação é estabelecida entre o autor/remetente e o leitor/destinatário. Ocorre que essa relação aproxima-se mais do campo ficcional do que do real, uma vez que “[...] o enunciador constrói seu destinatário como um outro escrito, assim como o destinatário real, por sua vez, dá forma (‘conforma’) à carta que vai receber, de modo que a comunicação se produz entre seres de papel, sujeitos escritos, ‘fantasmas’ [...]” (BOUVET, 2006, p.86, tradução nossa)². Assim, o diálogo epistolar amplia a comunicação entre sujeitos reais, promovendo, dessa maneira, o encontro entre sujeitos ficcionalizados (autor e leitor) no espaço também ficcional da carta.

² No original: “[...] el enunciador construye a su destinatario como un otro escrito, en tanto el destinatario real, a su vez, le da forma (‘conforma’) a la carta que va a recibir, de modo que la comunicación se produce entre seres de papel, sujetos escritos, ‘fantasmas’ [...]”.

FLORES AZUIS: DESCONSTRUINDO O ROMANCE EPISTOLAR

No romance *Flores azuis*, a escritora contemporânea Carola Saavedra (2008), joga com as instâncias autor/leitor e remetente/destinatário para desconstruir o gênero epistolar. Saavedra utiliza a carta como procedimento narrativo com o propósito de auxiliar a tecedura da trama romanesca sem, contudo, produzir um romance epistolar em seu formato tradicional, isto é, estruturado exclusivamente na forma de correspondência. A autora alterna o discurso em primeira pessoa das cartas com uma narração em

terceira pessoa, oferecendo ao leitor não dois pontos de vista, mas duas histórias diferentes as quais estão entrelaçadas.

No romance, o protagonista Marcos acaba de se mudar para um novo apartamento quando recebe uma carta destinada ao seu antigo morador. No envelope, não há endereço do remetente e, no lugar do nome, há apenas a inicial "A.". Sem conter a curiosidade, Marcos decide abrir e ler a correspondência, descobrindo que o documento é uma carta de amor. Dia após dia, um envelope azul é deixado na caixa de correio de Marcos que, não só lê as cartas destinadas a outro homem, como também começa a esperar por elas ansiosamente. Assim, a trama do romance gira em torno do modo como o recebimento das nove cartas afeta a vida do protagonista.

A narradora escreve para alguém denominado apenas "meu querido". Por terem um vocativo genérico e uma assinatura apenas com uma letra, as cartas adquirem um caráter ambíguo: "A." e "meu querido" podem designar qualquer pessoa, ao mesmo tempo em que não nomeiam ninguém. Assim, o "eu" e o "tu" da correspondência referem-se a identidades incertas, quase anônimas, se não fosse o nome do destinatário no envelope. Esse detalhe fará uma grande diferença na construção do desfecho do romance.

As cartas falam de uma separação amorosa e dos últimos momentos vividos por um casal antes do término do relacionamento. Sentindo que "há algo que ficou pela metade" (SAAVEDRA, 2008, p.10), a narradora pretende construir uma ponte, uma forma de ligação entre ela e o ex: "Eu acredito que, ao te chamar, uma estratégia, um encanto, eu seja capaz de fazer com que você se vire e olhe, e, sem perceber, estenda entre nós um atalho, uma ponte" (SAAVEDRA, 2008, p.7). A correspondência é o meio que "A." encontra de se fazer presente para o amado, criando uma espécie de atalho entre os dois.

Durante a escrita/leitura da carta, a relação amorosa vai sendo reconstruída, revelando-se conflituosa e violenta. Para Eurídice Figueiredo, "trata-se de uma escrita circular que retoma a mesma cena, contando-a cada vez de maneira diferente, cada vez explicitando mais a violência do homem na sua relação de dominação com a mulher" (FIGUEIREDO, 2013, p.193). Voltando sempre às mesmas cenas (a briga na locadora, a última noite juntos, a partida dele), a narradora refaz o caminho da separação como se desejasse prolongá-la. Esse prolongamento ocorre tanto no plano da escrita quanto no plano da leitura, uma vez que todas as nove cartas retomam os mesmos episódios, criando a sensação de que o amante está sempre partindo, indo embora indefinidamente.

Nessa escritura circular, a narradora expõe seu mundo interior, numa espécie de diário íntimo, na esteira da escrita de si foucaultiana. Segundo Foucault, a correspondência "constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros" (FOUCAULT, 2004, p.155). Por meio das cartas, a narradora se desnuda, se "escreve" para que o outro a "leia":

E mais uma vez imagino que talvez você esteja se perguntando, afinal para que tudo isso? Talvez, a cada carta, você se pergunte. Sem entender muito bem por que todo este feixe de questionamentos e lembranças e estratégias, por que todas estas voltas. Você aí, o sofá, a poltrona, esta carta e você, irritado com a minha falta de concisão. Então vou ser clara. Te respondo, desta vez sem rodeios, sem repetições, da forma simples e sem grandes escândalos como acontecem as coisas mais espantosas, as coisas importantes: escrevo para que você me leia. Simples assim. Para que você me leia e volte, para que você me leia e pense que há algo surpreendentemente belo em mim, algo que você não viu, algo que passou por nós despercebido. Então, para ser mais clara, é possível?: para que você me leia e me ame. (SAAVEDRA, 2008, p.42).

O objetivo das cartas seria, conforme evidenciado no fragmento acima, mostrar algo que o amante ainda não havia visto ou que passara despercebido. Assim, as reflexões, lembranças e questionamentos usados na escrita serviriam para revelar um lado da narradora ainda desconhecido. Para tanto, a enunciatória vai elaborando uma nova versão dos fatos a cada carta, escolhendo as estratégias e o melhor modo de narrar: “E, como sou eu que escrevo, sou eu que escolho e te digo como foi, e foi assim: [...]” (SAAVEDRA, 2008, p.12). Dessa forma, começam a se desvelar os artifícios que a narradora usa para construir, na verdade, uma versão de si mesma a fim de convencer o amado a voltar e, principalmente, a amá-la.

Entretanto, quem ocupa a posição de leitor no romance não é o destinatário do envelope, mas sim Marcos, um homem recém-separado, com uma filha de três anos, uma namorada e uma ex-mulher com as quais não consegue se comunicar. Ao ler aquelas perturbadoras cartas, porém, ele começa a se sentir intimamente ligado àquela mulher misteriosa. Abre-se, então, um espaço fictício de comunicação no qual Marcos, na posição de *voyeur*, pode adentrar a intimidade da narradora, mesmo que virtualmente.

A profundidade das cartas de “A.” contrasta com a superficialidade das relações que o protagonista mantém com as outras mulheres de sua vida. Aliás, para ele, as mulheres são seres estranhos que ele não se julga capaz de entender. Todavia, ao mergulhar na intimidade das correspondências, Marcos se sente, de alguma forma, tocado por elas:

Entrou no prédio, sempre com pressa, estacionou o carro e foi diretamente à caixa de correio, abriu com cuidado, por alguns segundos o medo de haver se enganado, e logo em seguida o alívio, não, a carta estava ali, não mais à sua revelia. [...]. Ali no elevador, em silêncio, percebia que, pela primeira vez em muito tempo, algo realmente o atingia, o alcançava (SAAVEDRA, 2008, p.55).

A espera e a leitura da correspondência transformam o cotidiano de Marcos, afetando tanto seu trabalho quanto o relacionamento com a filha e a namorada, ambos prejudicados pela falta de comunicação. Ele, então, começa a desenvolver uma relação platônica com a autora das cartas, procurando-a em todos os lugares possíveis: visita a locadora, assiste a um filme que tem as mesmas características da película citada por ela, faz plantão em frente à agência dos Correios mais próxima (esperando alguma mulher com um envelope azul nas mãos), compra uma máquina de café. Entretanto, Marcos encontra a misteriosa missivista somente pela leitura das cartas e, também, na sua própria imaginação:

Tão próxima e, ao mesmo tempo, uma desconhecida. Imaginava-a alta, muito magra, vestida de forma elegante porém discreta, talvez algo nostálgica, como saída de um antiquário, de um brechó, um colar de pérolas, imaginava o cabelo preso, talvez alguns fios escapando do penteado, a maquiagem suave, o andar rápido de quem se sabe vigiada, o andar de quem não tem tempo a perder. Só que ninguém era ela [...] (SAAVEDRA, 2008, p.117).

Além das páginas da correspondência, "A." passa a existir também no imaginário do protagonista e, aos poucos, a imagem da mulher misteriosa vai se delineando. Como um fantasma, a missivista começa a ocupar todos os espaços da vida de Marcos, transformando-se em uma obsessão. Quando recebe a última carta, ele decide procurar o "verdadeiro" destinatário para devolver a correspondência e, mais do que isso, conseguir o endereço da remetente. O encontro, porém, guarda uma grande surpresa para o protagonista e para o leitor: o antigo morador declara não conhecer a autora das cartas, afirmando que, embora tenham seu nome como destinatário, elas não lhe pertencem. A descoberta atordoia Marcos e o romance termina.

Essa revelação desconcertante frustra as expectativas tanto do protagonista quanto do leitor, ambos ávidos por respostas. Ao descobrir que a missivista inventa um leitor para suas cartas, o protagonista se dá conta de que foi logrado, e se vê obrigado a desconstruir a trama criada ao longo dos nove dias. Do lado de cá, o leitor do romance também se sente logrado, pois não encontra as respostas que esperava no desfecho. Dessa forma, o leitor é obrigado a desfazer a história "montada" durante a leitura e a "remontar" o quebra-cabeça do texto. O final inconclusivo abre novas possibilidades de leitura, como se uma nova história pudesse surgir depois de ler a última página.

O grande diferencial de Carola Saavedra, em *Flores azuis*, consiste em explicitar o processo de ficcionalização de si no gênero epistolar, desvelando o caráter metaficcional do romance. Para tanto, ela cria uma personagem autora que escreve cartas, também ficcionais, para um destinatário/leitor inventado. Do outro lado, há um personagem leitor que, acreditando na veracidade dos fatos narrados, tem sua vida virada

ao avesso, evidenciando os desdobramentos da ficção dentro da realidade fictícia da própria narrativa.

Dessa maneira, Saavedra não só desconstrói a noção de gênero epistolar, mas, especialmente, traz à baila as instâncias do autor e do leitor enquanto figuras ficcionalizadas tanto na correspondência quanto na narrativa. De certo modo, descortina-se o processo de fabulação da própria escritora enquanto autora tanto das cartas quanto do romance. Por fim, a trama de *Flores azuis* metaforiza o sentido mesmo da literatura, como propõe Eurídice Figueiredo: “Este seria o efeito da literatura: mexer com as pessoas que leem, provocar nelas um abalo, tirá-las da rotina e da acomodação, ou seja, o caráter transgressivo da literatura, compreendida como escrita e leitura, binômio inseparável” (FIGUEIREDO, 2013, p.194). Assim, Carola Saavedra põe em xeque a divisão real/ficcional, demonstrando como a escrita pode ser criadora de realidades por meio da imaginação e da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descortinar o processo de fabulação da escritora, *Flores azuis* pode ser lido como uma metáfora da própria literatura, enquanto processo de criação, invenção. Por outro lado, as figuras do autor, do narrador e do leitor também podem ser repensadas a partir desse romance, uma vez que são representados como peças de uma composição ficcional usadas para montar e desmontar o quebra-cabeça do texto literário. Tanto o personagem quanto o leitor são guiados pelos caminhos ficcionais traçados por essa narradora/autora enganosa durante a narrativa e, chegando ao final, descobrem que foram ludibriados.

A descoberta do logro incita no leitor real a dúvida a respeito de tudo o que foi lido no romance: afinal, de quem eram as cartas? E, principalmente, a quem eram destinadas? Os fatos descritos por “A” realmente aconteceram ou também foram inventados pela narradora, assim como o leitor ideal? O desfecho em aberto, no entanto, não oferece respostas para os questionamentos nem do leitor nem do personagem, que se recusa a acreditar que tudo não passou de uma “brincadeira”, como sugere o antigo inquilino e suposto destinatário das cartas.

Por outro lado, a revelação aponta para um desnudamento da criação literária na medida em que fica explícita a ficcionalidade das cartas e do próprio romance. Nessa perspectiva, *Flores azuis* pode ser entendido como um grande jogo para o qual o leitor é convidado a participar e, junto com o protagonista, assumir a posição daquele leitor ideal imaginado pela narradora. Como o interlocutor não está explícito textualmente, o lugar de leitor ideal é ocupado, primeiramente, pelo leitor empírico e, depois, por Marcos, o personagem leitor. No final, porém, quando se descobre o engodo, ambos se percebem como peças desse jogo ficcional criado pela narradora/autora.

Ao sinalizar para uma “outra história”, isto é, a história de um leitor inventado que recebe e lê cartas por engano, a narradora/autora aponta para uma terceira trama que só poderá ser construída a partir da descoberta de que não existe um destinatário verdadeiro, ou melhor, os verdadeiros destinatários são os próprios leitores do romance. Assim, como numa construção em abismo os leitores são desafiados a participar do jogo e a construir um novo sentido para o texto que foi lido.

REFERÊNCIAS

- BOUVET, N. E. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006. p.86-182.
- FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p.193-194
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.144-162.
- LODGE, D. O romance epistolary. In: LODGE, D. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2017. p.31-34.
- SAAVEDRA, C. *Flores azuis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.7-117.

JOSYE GONÇALVES FERREIRA | ORCID iD: 0000-0003-1889-3962 | Universidade Federal de Uberlândia | Instituto de Letras e Linguística | Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários | Av. João Naves de Ávila, 2121, Bairro Santa Mônica, 38400-902, Uberlândia, MG, Brasil | E-mail: <josyeg@yahoo.com.br>.

Como citar este artigo/How to cite this article

FERREIRA, J.G. *Flores azuis: uma desconstrução do romance epistolar*. *Pós-Limiar*, v.2, n.2, p.171-178, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2595-9557v2n2a4601>

Recebido em 3/05/2019, reapresentado em 26/8/2019 e aprovado em 19/9/2019.